

MERCADO - I

A Bovespa, que operava em alta nos primeiros minutos do pregão de hoje, inverteu o sentido e passou a cair. Na sessão anterior, bateu o quinto recorde desde o dia 30 de abril, quando a agência de classificação de risco Standard & Poor's concedeu o selo de grau de investimento ao Brasil.

O Jornal de Hoje Economia

NOTÍCIAS QUE OS OUTROS SÓ PUBLICARÃO AMANHÃ
Natal, terça-feira, 13 de maio de 2008

MERCADO - II

Às 11h15, o Ibovespa, principal indicador do mercado brasileiro de ações, avançava 0,14%, a 70.316 pontos. O dólar comercial tinha leve queda de 0,06%, vendido a R\$ 1,664. O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, disse que a inflação tende a subir e vai além dos preços de alimentos.



Hoje na Economia

administracao@jornaldehoje.com.br

MARCOS AURÉLIO DE SÁ

Natal classificada como 26a. cidade brasileira em volume de consumo

■ O instituto de pesquisas de mercado Target Marketing, de São Paulo, acaba de concluir o estudo "Brasil em Foco - IPC Targe 2008", considerado um dos melhores bancos de dados do país e do qual consta o perfil sócio-econômico de cada um dos 5.564 municípios brasileiros e a realidade do consumo das suas populações urbanas e rurais.

■ Aberto à consulta pública pelo site www.targetbr.com, o estudo mostra Natal como a vigésima-sexta cidade do país no rol das que possuem maior poder de compra de bens e serviços, respondendo por 0,45 por cento do consumo nacional.

■ Na classificação por Estados, o Rio Grande do Norte ganha a décima-oitava posição no ranking, participando com 1,18 por cento do poder de compra do Brasil, perdendo no Nordeste para os Estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Paraíba e o Maranhão, mas ficando acima de Alagoas, Piauí e Sergipe.

■ Pelos cálculos do instituto, o consumo dos brasileiros este ano ultrapassará a soma de R\$ 1,7 trilhão e as despesas das famílias crescerão 6,8 por cento, portanto mais do que a taxa do PIB (produto interno bruto), cujo crescimento é previsto em 4,8 por cento.

■ Outro dado importante do estudo é que, pela primeira vez, a região Nordeste ultrapassa a região Sul em poder de consumo.

Várzea do baixo-Açu volta a sofrer inundações neste início de semana

■ Com o aumento da lâmina d'água do sangradouro da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves para 1,5 metro nos últimos dias, as terras de várzea do baixo vale do Açu voltaram a ser inundadas de ontem para hoje, o

empresas realizar as obras de recuperação dos estragos causados nas suas estruturas de tanques pelas águas durante as enxurradas ocorridas entre março e abril.

Secretário-adjunto da Pesca resalta bons resultados de experiência no Mato Grande

■ Do secretário-adjunto da Pesca no Estado, economista Antônio-Alberto Cortez, a coluna recebeu a seguinte mensagem pela internet:

■ "Caro Marcos:

■ "Desenvolve-se em terras do Mato Grande, em áreas de assentamentos de ex-sem terra, um projeto integrado de desenvolvimento rural.

■ Tenho acompanhado o trabalho desde o início e continuo a acreditar no que tenho visto. Trata-se, também, de uma ampla parceria a qual conta com a participação de órgãos/instituições/empresas tais como a nossa UFRN, o Governo do Estado (SAPE-RN/Emater/Emparn e Secretaria Extraordinária de Energia), a Petrobrás, o Banco do Brasil, a Fundação Banco do Brasil, a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República, o Cefet-RN, entre outros, cuja coordenação geral é da Arco (Agência Regional de Desenvolvimento e Comercialização do Mato Grande).

■ "Nessas áreas assentadas cultivam-se os mais diversos produtos (girassol, sorgo, banana, feijão, melancia, mamão e peixes (tilápias); criam-se também pequenos animais e pratica-se a horticultura.

■ "No próximo dia 20, recepcionada pela Superintendência do Banco do Brasil, estará visitando essa experiência uma comitiva da UNU - Universidade das Nações Unidas. Entre os visitantes estarão Marco Antonio Rodrigues Dias e Pierre Javsson (ambos da

INVESTIMENTOS

Governo comemora a política industrial anunciada para o país

Rosado acredita que localização geográfica do RN vai estimular ainda mais as exportações dentro do programa anunciado ontem

Riccelli Araújo

Repórter de Economia

O secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Marcelo Rosado, representou o Governo do Estado durante a solenidade de lançamento da nova política industrial para o país anunciada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e que deve vigorar até 2011. O lançamento aconteceu na cidade do Rio de Janeiro.

De acordo com Marcelo Rosado, a Política de Desenvolvimento Produtivo vai desonerar em cerca de R\$ 21,4 bilhões até 2011, refletindo a preocupação do Governo Federal com as exportações que vivenciam no momento uma balança comercial deficitária. "Fiquei bastante surpreso com o nível do programa, ousadia e consistência fundamentais para o trabalho de atrair investimentos para a região Nordeste", lembrando a abertura de linhas de crédito mais baratas e a localização geográfica da região. "Parece até que o programa foi feito para o RN", comemorou.

Segundo o secretário, o presidente pediu o apoio do Congresso Nacional e da Câmara Federal, uma vez que algumas Medidas Provisórias devem ser anun-



Heracles Dantas

Marcelo Rosado: "parece até que o programa foi feito para o RN"

nistério da Fazenda, para discutir a Reforma Tributária proposta pelo governo.

De acordo com o secretário, a intenção da Fazenda em criar um "fundo" direcionado à atração de novos investidores, não é vista como uma política que possa resolver as dificuldades dos estados em atrair investimentos.

Para o vice-presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte (Fiern), Amaro Sales, "tudo que se faz para incentivar o crescimento da indús-

estão pagando caro pela política econômica instituída pelo Governo Federal. "Todos os exportadores perderam mercado nos últimos anos. Ficamos sem condições de competir e agora o governo lança uma política de correção", acreditando também na necessidade de uma urgente redução na carga tributária do país. "Não se deve esperar muito, pois as coisas estão correndo", reivindicando urgência na aplicação das medidas.

HISTÓRIA

Os negros foram libertados há 120 anos

Depois de 3 séculos de escravidão no País, e 120 anos de liberdade, o negro ainda tenta ocupar seu espaço numa sociedade preconceituosa

Leonardo Dantas

Repórter

A história do Brasil celebra hoje 120 anos de abolição da escravatura, uma data considerada de grande relevância para o contexto social, econômico e cultural do País. A lei assinada pela princesa Isabel, em 1888, oficializou uma prática já existente na época e ao mesmo tempo causou um impacto na sociedade, libertando milhares de ex-escravos num momento de transição, que deixava de ser estritamente rural para começar uma atividade industrial.

Em seu discurso para lembrar a data, o ministro da Igualdade Racial, Edson Santos, afirmou, em Brasília, que a abolição foi um ato memorável,

no entanto, não foi precedida de leis assistenciais voltadas para os negros, recém-libertados. "Foi uma luta das mais belas ocorridas no Brasil, mas não teve medidas posteriores de cidadania para a população negra. O negro deixou a senzala para morar na favela", diz o ministro.

No Rio Grande do Norte, o professor de antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Luiz Assunção, coordena diversas pesquisas sobre a escravidão no estado, tratando da religião afro-

brasileira e um levantamento da população negra no século XIX. Ele concorda com a afirmação do ministro e explica que ainda hoje o negro carrega uma falta de estrutura e de políticas específicas do estado, que compensem os 300 anos de escravidão no Brasil.

Além disso, o professor critica o racismo encoberto praticado no país há décadas, ao contrário do que aconteceu nos Estados Unidos. "O estado aqui libertou e fez como se o problema não existisse, achando melhor ignorar. O fato é que quando houve a libertação dos escravos, o negro era mão-de-obra desqualificada, portanto, desempregado e sem ter para onde ir. Hoje, existe um grande

"Foi uma luta bela, mas não teve medidas de cidadania. O negro deixou a senzala para ir à favela"

Edison Santos

desequilíbrio entre o número de crianças negras e brancas que iniciam uma vida escolar e conseguem chegar ao ensino médio", relata o professor.

Luiz Assunção comenta ainda que a frase do ministro - "O negro deixou a senzala para morar na favela" - tem fundamento, pois, como o negro não tinha para onde ir, alguns deles continuaram nas fazendas, mas um grande contingente migrou para as cidades. Ele lembra que neste período o País começa o seu processo de industrialização, por isso, o imigrante euro-



Heracles Dantas

O professor de antropologia da UFRN, Luiz Assunção, coordena pesquisas sobre a escravidão

peu era mais bem preparado para trabalhar nas fábricas.

Ele afirma que a abolição da princesa Isabel foi apenas um ato simbólico, pois já havia negros libertados em todo o Brasil por volta de 1850, inclusive no Rio Grande do Norte. "O País apenas oficializou o que já era uma tendência, tendo que se adaptar e prevendo a proclamação da República que veio um ano depois. Para isso, o Brasil tinha que se industrializar e o branco-europeu passou a ser a mão-de-obra. Enquanto isso o negro ficou rele-

vado a um segundo plano", comenta o Luiz Assunção.

Ele explica que no estado, a escravidão alcançou seu auge entre os séculos XVII e XVIII, com um grande trânsito de negros que vinham de Pernambuco para trabalhar na cana-de-açúcar e da Paraíba, que iam para a região oeste trabalhar com o gado e agricultura, em um segundo momento. "Temos documentos da época que comprovam esse comércio no litoral entre Goianinha e Ceará Mirim. Um escravo valia em média 400 réis, mas sabemos

de escravos vendidos para o estado por um mil réis. Na região do oeste, o entreposto era a cidade de Catolé do Rocha, na Paraíba, que revendia de Pernambuco. Os escravos eram avaliados pela capacidade de trabalho e produção, ou seja, quanto mais jovens e sadios melhor", diz o Luiz Assunção.

MAPA DE DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

Atualmente, segundo dados da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), estão em processo de reconheci-

mento mais de 3,5 mil comunidades quilombolas, com um total de 1,7 milhão de negros ainda sem condições de moradia. Apenas 27 dessas comunidades quilombolas já receberam a titulação de terras.

Na tentativa de conscientizar e reverter esse quadro, a Seppir vai apresentar, na tarde de hoje, em Brasília, o "Mapa da Distribuição Espacial da População, segundo a Cor ou Raça - Negros e Pardos".

O mapeamento, que foi produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a pedido da Seppir, é relativo ao Censo Demográfico de 2000. "Em uma perspectiva histórica, cabe observar que o processo de introdução dos negros no Brasil acompanhou, de maneira geral, os diferentes ciclos que marcaram a economia da Colônia e do Império", diz nota divulgada pela Seppir, que ressalta que as áreas apontadas no mapa como de maior ocorrência da população negra correspondem às mesmas áreas em que a ocupação territorial foi feita pelo trabalho escravo (Maranhão, Zona da Mata nordestina, Recôncavo Baiano e larga porção do Sudeste).

Em 2000, segundo o estudo, o Brasil possuía cerca de 170 milhões de habitantes, dos quais 91 milhões se declararam como brancos (53,7%), 65 milhões como pardos (38,5%), 10,5 milhões como pretos (6,2%), 762 mil como amarelos (0,4%) e 734 mil como indígenas (0,4%).